

O TEMPO SOU EU QUANDO FICO GRANDE

RUTH E. VASCONCELLOS LOPES
(DL/UFSC)

Em “Dos ritmos ao caos”, encontra-se o seguinte trecho:

Em oposição a esses ritmos periódicos, geradores do sentimento de eternidade, o surgimento de acontecimentos imprevistos, “caóticos”, por assim dizer, rompe a monotonia do tempo e marca claramente seu desenrolar-se, assim como toda modificação, quando é percebida de maneira suficientemente descontínua. Nós mesmos não somos sensíveis aos anos que passam por causa das mudanças irreversíveis que ocorrem em nós e ao nosso redor? A expressão Fugit, irreparabile tempus (“O tempo foge sem retorno”), de Virgílio, traduz bem a perenidade deste problema, e tornamos a encontrar a noção do tempo subjetivo e irreversível nesta bonita frase de criança: “O tempo sou eu quando fico grande”. (Bergé, P., Y. Pomeau & M. Dubois-Gance, 1996, p. 278)¹

Desde as minhas primeiras leituras do Programa Minimalista (Chomsky, 1995), a questão do tempo tem povoado minhas reflexões. Gostaria de ressaltar, porém, que este trabalho é bastante incipiente, apresentando apenas alguns dos pontos que me chamaram a atenção para o “tempo”. Não pretendo aqui, portanto, nada além de colocar o tema em pauta, inclusive porque demanda a mobilização de conceitos de outras áreas.

Dentro do quadro gerativista mais recente (a partir de Princípios & Parâmetros), as hipóteses de aprendizagem que tentam dar conta do processo de estabilização da gramática de uma língua particular sendo adquirida por uma criança – a passagem de S_{\emptyset} para S_e ($S_{\emptyset} \rightarrow S_e$) – invariavelmente comportam alguma noção de tempo, quer através da visão em que a aquisição é considerada como um processo de amadurecimento, quer através da visão de gramáticas que se vão modificando ao longo do processo de estabilização, quer, ainda, através de modelos de aprendizagem que se apoiam no processamento da linguagem em tempo-real. Essas abordagens instauram uma tensão com a idealização teórica de Chomsky, segundo a qual a passagem de $S_{\emptyset} \rightarrow S_e$ se daria instantaneamente. Mas por que Chomsky põe o tempo em suspensão? O que significa uma tal idealização para seu modelo, ou, alternativamente, o que significa desprezá-la no âmbito da aquisição da linguagem?

¹ Em relação aos ritmos periódicos, os autores discutiam a concepção de tempo em Santo Agostinho (“o sentimento de que retornos periódicos abolem a noção de tempo que passa”, p. 278), vinculando-a a um trabalho sobre o “Tempo nas Catedrais”.

Pretendo explorar como o Programa Minimalista comporta essa noção e, com isto, as conseqüências teóricas para a aquisição da linguagem.

I. Um dos pressupostos do Programa Minimalista é que o sistema computacional – parte da Faculdade da Linguagem – **não** opera “temporalmente”. A ordenação das palavras em um eixo temporal, ou seja, a linearização de uma estrutura, é condição imposta pelo sistema Articulatório-Perceptual (A-P), um sistema de *performance* com o qual a Faculdade da Linguagem interage.

Uriagereka (1995, 1997) utiliza uma imagem bastante ilustrativa: a de um móbile.

As peças penduradas se relacionam de maneira fixa, mas não estão linearmente ordenadas; uma forma de linearizar esse objeto é congelando-o no tempo, por exemplo, através de uma fotografia. (1997, p. 110, minha tradução)²

Chomsky parece se decepcionar com essa “limitação” que a interface com o sistema de *performance* impõe à Faculdade da Linguagem. Se, por um lado, ela garante uma das principais características das línguas naturais – o fato de que apresentam elementos deslocados da posição em que são interpretados –, por outro, afasta a linguagem de sua “perfeição”, na medida em que impõe uma condição à qual a Língua-I não precisa obedecer – o tempo.³

Isso se deve ao fato de que o Programa Minimalista comporta duas versões: uma fraca e outra forte. A versão fraca diz respeito a uma metodologia minimalista, cujo pressuposto é o de que “menos” é sempre mais elegante do que “mais”. Assim, prever-se um axioma é mais adequado metodologicamente do que se prever dois, por exemplo. Por outro lado, em sua versão forte, o minimalismo é ontológico, ou seja, a questão que se coloca é: quão perfeita é a Faculdade da Linguagem propriamente?

Chomsky (1995) afirma, no Capítulo 4:

A faculdade da linguagem talvez seja especial dentre os sistemas cognitivos, ou mesmo no mundo orgânico, na medida em que satisfaz pressupostos minimalistas. Também os parâmetros morfológicos poderiam ter um caráter especial, assim como o sistema computacional talvez seja biologicamente isolado.

Uma outra fonte da possível especificidade da linguagem encontra-se nas condições impostas “de fora” à interface /.../. Tais condições são impostas pelos sistemas que usam as informações fornecidas pelo sistema computacional, mas não temos ainda nenhuma idéia do quanto suas propriedades sejam específicas à linguagem /.../. A Gramática Universal deve prover um componente fonológico que converta os objetos gerados pela língua L em uma forma que esses sistemas “externos” possam utilizar: acreditamos que seja a Forma Fonética. Se os seres humanos pudessem se comunicar por telepatia, não haveria necessidade de um componente fonológico, pelo menos para a comunicação /.../. Esses fatores

² Os mecanismos para que se possa “tirar a fotografia” são muito complexos e não nos interessam aqui.

³ Chomsky tem definido Língua-I como um estado interno, intensional e individual. Voltaremos a isso.

*podem mostrar-se cruciais na determinação da natureza interna do sistema computacional, ou podem mostrar-se “estranhos” a ele, induzindo ao afastamento da “perfeição” /.../. Esta última possibilidade não deve ser descartada. (p. 221) (grifo meu)*⁴

Inúmeras vezes Chomsky se refere ao componente fonológico e à interface com a Forma Fonética como fatores que afastam a linguagem de sua “perfeição”.

Sem dúvida, isso se dá na medida em que a língua-I vai se travestindo de língua-E e, assim, perdendo o seu caráter abstrato e perfeito de um sistema otimizado.⁵

O que nos importa pontuar, a partir deste quadro, é que a noção de tempo é **extrínseca** ao objeto da teoria. Assim, ao idealizar o processo de aquisição como instantâneo, Chomsky não coloca o tempo em suspensão, mas, sim, deixa de incorporar uma categoria que não pode fazer parte do modelo. A pergunta, então, é como incorporá-la como algo constitutivo do processo de aquisição da linguagem, como algo intrínseco ao objeto?⁶

II. Desde sempre a teoria gerativa se coloca dois problemas: (1) atingir a adequação descritiva, dando conta das línguas particulares e (2) atingir a adequação explicativa, tentando explicar como o conhecimento lingüístico surge na mente de um falante. Para atingir a adequação descritiva para uma língua particular L, a teoria de L – sua gramática – deve caracterizar o estado estável alcançado pela Faculdade da Linguagem. Para atingir a adequação explicativa, a teoria da linguagem deve caracterizar o estado inicial da Faculdade da Linguagem e mostrar como a experiência é mapeada ao “estado estável”.

Contudo, nos modelos anteriores à Regência e Ligação (Chomsky, 1981) ficava impossível atingir a adequação explicativa, uma vez que os modelos tinham por objeto a definição de regras particulares que dessem conta de estruturas particulares em línguas particulares, embora isso fosse um corolário do formalismo vigente, dado que teoricamente o que se buscou desde sempre foi um quadro da Faculdade da Linguagem, como afirmava Chomsky (1965, p. 26):

*Podemos pensar na teoria lingüística geral como uma tentativa de explicar o caráter do dispositivo B.*⁷

em que B fazia referência à Faculdade da Linguagem.

É só mesmo a partir de Princípios & Parâmetros que se passa a ter a esperança de que a adequação explicativa seja finalmente alcançada. Isto se torna possível justamente pela concepção das noções de Princípios (um núcleo fixo, invariável entre as línguas;

⁴ Minha tradução.

⁵ Língua-E, de externa, se opõe à Língua-I.

⁶ Nesse sentido, há uma belíssima discussão sobre questão semelhante em Aurox, *Le Langage et les sciences onto-historiques*.

⁷ Minha tradução.

portanto, universal e geneticamente determinado) e de Parâmetros (um conjunto de possibilidades pré-determinadas a partir das quais as línguas variam). Nesta fase, o objeto é a estrutura mesma da Faculdade da Linguagem vista em relação aos princípios que estão em jogo para que a mente humana seja capaz de gerar toda a diversidade lingüística. Tal diversidade é a consequência da interação de um conjunto de possibilidades pré-determinadas na mente do falante, portanto, é apenas aparente. Nesse âmbito, a noção de Gramática Universal (GU, doravante) vem à tona com toda a força: constituída de princípios e parâmetros, deve refletir de maneira universal a estrutura ou organização da mente humana e não mais as regularidades entre as línguas.

A tarefa da criança no processo de aquisição da linguagem, neste quadro, é a “formatação” da Faculdade da Linguagem através da fixação dos valores dos parâmetros abertos em GU.

A GU é, nesse sentido, um “quadro” do estágio inicial da aquisição da linguagem e seu produto seria o estágio em que a gramática entra em estabilização, o estágio da gramática adulta.

A esse respeito, diz Uriagereka (1995, p. 63):

A tarefa do lingüista é buscar as propriedades gerais de um sistema, e os parâmetros cuja especificação, com base em elementos exteriores ao sistema, determinem uma ou outra forma. O objeto de estudo do lingüista não é o castelhano, inglês, ou português, mas o estado inicial da faculdade da linguagem que uma criança traz ao mundo, antes de receber dados do castelhano, inglês ou português. É um sistema cujas constantes paramétricas ainda não foram determinadas, tendo a capacidade potencial de desenvolver-se em um estado final lingüístico de natureza diversa de acordo (relativamente) com os dados do ambiente. (ênfase do autor)⁸

Ninguém duvida de que essa seja a questão a perseguir: quais são os princípios que regem as línguas naturais ou os parâmetros que definem sua possível variabilidade.

Há, no entanto, algumas consequências de que pouco nos ocupamos. A primeira diz respeito à capacidade de predição da teoria. Parece que uma vez explicitado o estado inicial da Faculdade da Linguagem, toda a tarefa do lingüista chega a termo. Talvez possamos nos tranquilizar em relação a isso, já que provavelmente ainda estamos bem distantes de tal objetivo.

A segunda consequência nem chega a ser explorada: uma vez definido o estado inicial, pode-se derivar dele os possíveis estados finais? E no caso das hipóteses vigentes em aquisição da linguagem, os estados “intermediários”?

No fundo, são dois lados de uma mesma moeda; se admito um, tenho que levar o outro.

Chomsky parece ambíguo em relação a esses problemas. Senão vejamos. Ele afirma:

⁸ Minha tradução.

A Gramática Universal deve determinar a classe das possíveis línguas./.../ A Gramática Universal diz respeito aos princípios invariantes de S_{\emptyset} e o grau de variação possível. (1995, p. 169)⁹

Mesmo entendendo “classe das possíveis línguas” de acordo com os moldes gerativistas, ou seja, uma definição pelo negativo (nem sempre se pode dizer aquilo que é possível nas línguas, mas aquilo que é “universalmente” não-possível), fica-se ainda com um certo sabor de determinismo: conhecendo o estado de um sistema num instante inicial, podemos determinar seu estado em um outro dado instante (o conhecimento de X_n determina o de X_{n+1}) – não há lugar para indeterminação.

Contudo, o próprio Chomsky afirma em outro texto, fazendo referência específica à definição de Língua-I:

/.../ minha língua não é a mesma da de uma pessoa na África - ou, ainda, a mesma da do meu irmão, esposa, ou filhos, e certamente não a dos meus pais. A variação não pode ser muito grande, disso temos certeza. As condições externas são muito empobrecidas para que tenham mais do que um impacto marginal nas estruturas altamente articuladas e intrincadas que surgem à medida que a faculdade da linguagem se desenvolve em seu curso normal. (1994, p. 48)¹⁰

Há dois pontos interessantes no trecho acima. Em primeiro lugar, a concepção de que Língua-I é individual, ao pé da letra – difere de indivíduo para indivíduo. Não se toma, portanto, indivíduo como um espécimen da espécie. Em segundo, as condições externas: mesmo que as consideremos muito “empobrecidas”, não se pode negar que causem algum efeito no produto final.

O que quer que a criança encontre como “condição externa”, certamente não é uma constante – quer translingüísticamente, quer intralingüísticamente. Tomemos, por exemplo, dois irmãos adquirindo o português do Brasil com uma defasagem de aproximadamente sete anos. Encontrarão as mesmas condições externas? Introduz-se, por esse raciocínio, uma dada “incerteza” inicial. A introdução no sistema de uma incerteza inicial, por menor que seja, gera grandes conseqüências. Assim, conhecer o estado inicial já não garante conhecer o estado estável, tanto quanto conhecer o passado não permite prever um futuro que não seja o imediato. Da mesma forma, ao prever que Língua-I seja “individual”, coloca-se ainda outro ponto de indeterminação – já não é possível determinar igualmente o estado estável.

Entretanto, o que vemos nos trabalhos de aquisição da linguagem, normalmente, não é apenas a flecha de S_{\emptyset} para S_e , mas um caminho que pressupõe uma escala cronológica t_1, \dots, t_n . Tomo a seguir alguns trabalhos apenas a título de ilustração.

Koehn (1994), trabalhando com a hipótese maturacional, pressupõe uma certa dependência entre a passagem de uma fase semântico-pragmática para uma fase “sintática”. Assim, pesquisando a aquisição de morfologia de gênero e número no

⁹ Minha tradução.

¹⁰ Minha tradução.

sintagma nominal (NP), sua hipótese central é que a criança, para adquirir marcas morfológicas, passe por algumas fases como: 1) (ou t_1) adquirir o conceito semântico subjacente para número (um ou mais que um); 2) (ou t_2) reconhecer que gênero e número são sistematicamente codificados em categorias sintáticas específicas; 3) (ou t_3) adquirir as realizações morfológicas apropriadas desses traços (e de fenômenos de concordância a eles relacionados). Sua análise do fenômeno propriamente é bastante complexa e de pouco interesse aqui, portanto, não será explorada. Deixo de lado, também, a pressuposição de que as dimensões semântica e pragmática da linguagem sejam mais “simples” e, por esse motivo, anteriores à sintaxe, posição da qual não partilho. O que me interessa é a dependência entre as fases – os diferentes momentos entre essas fases. Para chegar a t_{n+1} , necessariamente há que se passar por t_n .

Contudo, esse determinismo parece não se manter; não há, aparentemente, um padrão único entre as crianças.

Stenzel (1994), em trabalho sobre a aquisição morfológica de caso em alemão, investiga o fenômeno em duas crianças, relacionando-a ao desenvolvimento das categorias funcionais envolvidas nesse processo¹¹. A questão central do artigo é se haveria uma seqüência fixa na ordem de distinção dos casos a que todas as crianças obedeceriam. Aparentemente, há variação até entre as duas crianças estudadas. Uma delas empregaria uma estratégia do tipo “tudo ou nada”, ou seja, esperaria estar com toda a gramática no lugar – todas as categorias funcionais necessárias – para, então, proceder à atribuição de Caso. A outra criança seria uma “construtora”, apresentando um desenvolvimento gramatical implementado aos poucos. Assim, tendo desenvolvido a categoria funcional de DETERMINANTE, passaria a fazer a distinção básica Nominativo-Acusativo, só posteriormente fazendo a distinção Acusativo-Dativo.

Um dos pontos aqui parece ser o seguinte: posso ou não adicionar um t à minha equação; porém, será sempre uma “medida” externa ao objeto. O outro ponto diz respeito à indeterminação: mesmo conhecendo as condições iniciais, não há como prever deterministicamente a convergência entre as fases, ou mesmo o seu produto – o estado estável. É plausível, contudo, que quanto mais próximo a ele, maior o grau de predição pela impossibilidade, como já discutimos acima. “... Próximo do equilíbrio, as leis das flutuações são universais”, diz Prigogine (1984, p. 130).

Uriagereka (1995) relata um princípio bastante interessante, chamado de Princípio da Escravidão:

.../os modos menos estáveis “escravizam” os mais estáveis, em função do aumento de energia no sistema. Quanto maior a instabilidade total do sistema e de seu ambiente, mais estacionários serão os modos interiores ao sistema. (p. 78)

Segundo o autor, esta é uma “lei dos rendimentos crescentes”: quanto mais ordem, mais ordem se gera, até que tudo se rompe no caos. Talvez quando nos tornarmos telepatas...

¹¹ Grosso modo, as categorias funcionais referem-se às classes fechadas de palavras.

III. Talvez fosse interessante ressaltar que, possivelmente, há uma flecha de um tempo irreversível entre S_0 e S_e , pelo menos quanto àquilo que se dá a perceber no processo de aquisição; a única flecha possível em que cabem as indeterminações - a individual, a do “tempo sou eu quando fico grande”. Obviamente, a perspectiva aqui é quase uma de “causalidade”. A causa inicial é o *input* a que a criança é exposta; a final, o objeto, o que instaura uma visão bastante teleológica e na qual sujeito e objeto se confundem no âmbito da teoria. Porém, causa e efeito não são simultâneos – quando se acrescenta “tempo” como um primitivo – se a causa for a única forma de potencializar o efeito.

Estaríamos, assim, com uma impossibilidade descritiva para o processo de aquisição? Talvez não, se trouxermos para ele ainda um último conceito: o da **recorrência**. Segundo Weingartner (1997), em sistemas complexos, há uma probabilidade muito baixa de recorrência de um determinado estado em um dado sistema, portanto, a probabilidade de não-recorrência de um estado completo aumenta exponencialmente tanto mais complexo seja o sistema. Desta forma, mantém-se a flecha entre um estado inicial e um estado estável não através de um tempo irreversível (ou quiçá mesmo de “tempo” como uma categoria teórica), mas através da improbabilidade de recorrência de estados completos.¹²

Cito Bergé et alli (1996, p. 294):

Parece muito difícil resolver essa questão (determinismo ou teleonomia). Um dos pontos delicados da doutrina teleonomista é que as variações que permitem determinar a trajetória são virtuais e constituem um objeto mais matemático do que real. Poderíamos, talvez, fazer uma observação parecida, no que diz respeito ao determinismo filosófico, oposto ao determinismo matemático; na ausência de um meio real de mudar as condições iniciais num instante dado, o fato de a trajetória ser definida por essas condições iniciais ou pelos pontos de partida e de chegada não tem finalmente nenhuma importância, já que isso constitui duas maneiras diferentes de apreender uma realidade única e intangível, a trajetória real.

IV. Para não deixar o tom minimalista no ar sem uma coda, o *singular* aqui parece ser aquilo que não cabe na teoria, mas é inevitável na empiria. E provoca um deslocamento: o do “tempo sou eu quando fico grande”, um tempo que se dá à percepção de forma “suficientemente descontínua”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUROUX, S. (s/d) *Le Langage et les Sciences Onto-Historiques*, ms.

¹² A idéia de “estado completo” limita a possibilidade de que diferentes estados apresentem propriedades em comum, porém não todas. Por exemplo, podemos encontrar a propriedade A em um dado estado e assumir que ela também esteja presente em outros estados. Contudo, examinando propriedades A, B e C em conjuntos de estados, talvez já não possamos assumir que todas as propriedades estejam presentes em todos os estados.

- BERGÉ, P., POMEAU, Y. & DUBOIS-GANCE, M. (1996) *Dos ritmos ao caos*. São Paulo: Ed. da UNESP.
- COHMSKY, N. (1965) *Aspects of the Theory of Syntax*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. (1994) *Language and Thought*. London: Moyer Bell
- _____. (1995) *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- KOEHN, C. (1994) The acquisition of gender and number morphology within NP. In: Meisel, J. (ed.) *Bilingual first language acquisition: French and German grammatical development*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- PRIGOGINE, I. & STENGERS, I. (1984) *A nova aliança*. Brasília: UnB.
- STENZEL, A. (1994) Case assignment and functional categories in bilingual children: routes of development and implications for linguistic theory. In: Meisel, J. (ed.) *Bilingual first language acquisition: French and German grammatical development*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- URIAGEREKA, J. (1995) Los senderos que se bifurcan (sobre la explicación lingüística y biológica). *Cad. Hist. Fil. Ci.*, série 3, 5: especial. pp. 59-102.
- _____. (1997) Multiple Spell-out. *Groninger Arbeiten zur Germanistischen Linguistik*, 40. pp. 109-135.
- WEINGARTNER, P. (1997) Can the laws of nature (physics) be complete? In: M.L. Dalla Chiara et al. (ed) *Logic and Scientific Methods*. Holanda: Kluwer Academic Publishers.